

Índio perdido reencontra seu filho

Telefoto de Jamil Bittar

BRASÍLIA — O mistério em torno da identidade do índio de comportamento primitivo trazido há uma semana para Brasília depois de ter sido capturado por lavradores em Barreiras, na Bahia, acabou ontem e teve um final feliz. Ele se chama Carapiru e pertence a tribo dos índios Guajá, que vive no Maranhão. Carapiru perambulou durante 11 anos pelas matas nordestinas, depois de sua tribo ter sido atacada por brancos. Ele pensava ter perdido toda sua família no ataque, mas ontem, num encontro proporcionado por acaso, pelo sertanista Sidney Possuelo, reencontrou mais um sobrevivente: seu filho Tiramucon.

Em princípio, Possuelo pensou que o índio fosse um avá-canoeiro. Para poder identificá-lo, o sertanista pediu a ajuda do índio Tiramucon, de 19 anos, da Frente de Atração Auá-Guajá, do Maranhão. Ontem à tarde, os dois índios se encontraram e imediatamente começaram a conversar: falavam o mesmo idioma.

Os índios disseram seus nomes e sorriram com a surpresa do reencontro. Para confirmar o parentesco, Tiramucon levantou a camisa de Carapiru e encontrou, nas costas, próximo à cintura, a marca de chumbo que ficou em seu pai como resultado do ataque sofrido por sua família, quando ele tinha sete anos. Os dois são os únicos sobreviventes da família. Tiramucon, encontrado



Carapiru (à esquerda) com o filho Tiramucon, após 11 anos de separação

pela Funai, vive hoje com os guajá, na Frente de Atração.

Carapiru contou que perambulou sozinho pelas matas, sobrevivendo de caça, pesca e coleta de frutas — como é característico dos guajá. Ele foi capturado por lavradores do projeto fundiário Angical I, em Barreiras depois de ter matado alguns animais a flechadas. A Funai foi avisada e o sertanista Sidney Possuelo o levou para Brasília, para tentar descobrir sua identidade.

— Depois deste encontro, para mim já está claro: ele é um guajá. Mas ainda quero que converse com

outros avá-canoeiro, que pedi para virem a Brasília. Será mais uma medida de precaução — afirmou o sertanista, emocionado com o desfecho da história.

Segundo ele, os dois se reconhecem como pai e filho. Seu objetivo agora é levar Carapiru para o Maranhão, onde voltará a conviver com o seu grupo e terá, a partir de agora, uma família.

— O acaso permitiu não apenas a identificação de sua etnia, mas da sua origem, revelou um pouco de sua estória, e de sua família — disse Possuelo.

GRUPOS ARREDIOS

Buscam sobreviver evitando o contato

BRASÍLIA — Tanto os guajás, que vivem no Maranhão, quanto os avá-canoeiros, de Goiás, são grupos indígenas hoje muito reduzidos. Parte deles sequer teve contato com os brancos. Os guajás são um dos últimos grupos de índios coletores (que não plantam) e caçadores. Os avá-canoeiros, que já foram homenageados em uma música do compositor Milton Nascimento, constituem um dos mais antigos e primitivos grupos indígenas do País.

Os índios guajás — que dão nome a um dos livros do Presidente Sarney, "Brejal dos Guajás" — são essencialmente nômades e vivem de caça, pesca e coleta de frutas. Há cerca de 14 anos a Funai instalou no Maranhão a Frente de Atração Auá-Guajá, que trabalha na localização dos grupos. Já foram contactados cinco e estima-se que existam apenas outros quatro sem contato. Eles gostam de habitar regiões ricas em babaçu, do qual se alimentam.

Os avá-canoeiro já foram muitos. São originários do Centro-Oeste e durante um século resistiram à penetração do homem branco com muita ferocidade, até que foram praticamente dizimados. Hoje a Funai estima que existam apenas quatro grupos deles, sendo que dois já foram contactados. Alimentam-se de toda espécie animal e sobrevivem de ataques a fazendas para obter alimentos. Para sobreviver, habitam lugares quase inacessíveis ao homem branco.

Funai nega estupro que índio denuncia

O Presidente da Funai, Iris Pedro de Oliveira, desmentiu denúncias do cacique Gilberto Macuxi, Vice-Presidente da Associação dos Povos Indígenas de Roraima, de que quatro homens brancos, entre eles os garimpeiros Barbosa e Paulo, com fardas do Exército e armados, invadiram a Aldeia do Caranguejo e espancaram e estupraram quatro meninas de 12 a 15 anos e uma índia idosa da tribo taurepangue, no dia 23 do mês passado. Disse que Macuxi está há três meses no eixo Rio-São Paulo fazendo denúncias falsas e que ele é um desequilibrado mental.

Acrescentou que a Funai só tem conhecimento de tentativa de invasão em áreas indígenas na reserva dos ianomani, em Roraima, onde há problemas com garimpeiros. Sindicância da Polícia Federal não apurou nenhum caso de violência recente.

Mucuxi declarou que, na aldeia, estavam oito índios adultos, quatro meninas e uma índia idosa. Os índios foram amarrados e as mulheres estupradas. Isso, um dia após o assassinato do índio Zelário, no dia 22 de outubro. No dia seguinte ao da invasão, o cacique tuxaua Horácio queixou-se à Polícia Federal, ao agente Júlio. Vários agentes foram à aldeia e aconselharam os índios a pegar os estupradores e aurrá-los.

Data: 08/11/88

Fonte: O Globo

Class.: 97

CEEDI
Povos Indígenas no Brasil